

DESTACABILIDADE E MEMÓRIA NA MÍDIA DIGITAL

Fernando Felicio Pachi Filho¹

RESUMO: Maingueneau propõe o conceito de destacabilidade e sobreasseveração para descrever o funcionamento discursivo de enunciados que adquirem autonomia, sendo estes recorrentes nas mídias em geral e constituintes do funcionamento da máquina midiática. As mídias digitais se tornaram propícias para a destacabilidade de enunciados, dada a profusa e intensa circulação discursiva nelas presentes. Considera-se ainda a velocidade de difusão de textos e discursos característica dessas mídias. Neste trabalho, problematizamos tais conceitos, reintroduzindo a necessidade de eles serem tomados em relação ao interdiscurso, ou seja, há uma memória que constitui tais dizeres e que produz interpretações possíveis para estes enunciados. Além disso, é possível pensar em formações discursivas que também condicionam a destacabilidade de tais enunciados. Nesse sentido, propõe-se ainda, com base na análise de exemplos de textos que circulam em mídias digitais, mostrar como tomadas de posição e interpretação de acontecimentos discursivos são fatores que contribuem para a destacabilidade.

Palavras-chave: análise de discurso; mídia digital; interdiscurso.

ABSTRACT: Maingueneau proposes the concept of detachable sayings to describe the operation of discursive statements that acquire autonomy, which are generally recurring in the media and constituents of the media machine operation. The digital media have become conducive to the severability of statements, given the profuse and intense circulation discursive in it. It is also considered the rate of diffusion of texts and discourses characteristic of these media. In this work, we critical these concepts and claim for, the need to reintroduce them being taken in relation to interdiscourse, i.e. there is a memory that produces such sayings and possible interpretations for these utterances. Moreover, it is possible to think of discursive formations that also condition such statements to be detachable. Accordingly, we propose, also based on an analysis of examples of texts that circulate in digital media, show how positions and interpretation of discursive events are factors that contribute to put them in relief.

Keywords: Discourse analysis; digital media; interdiscourse

¹ Mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e Doutor em Linguística (Unicamp). Professor da UNIP - Faculdade de Tecnologia Termomecânica. Brasil, ffpachi@yahoo.com.br.

1. INTRODUÇÃO

No dia 4 de junho de 2012, uma notícia divulgada pelo *site* de cultura digital *You PIX* e replicada em *sites* como *Yahoo* e no *blog* do jornal *O Estado de S. Paulo*, mostrava que uma análise quantitativa feita pela equipe do *You Pix* apontava ser Clarice Lispector a autora mais citada no *Twitter*, atingindo a marca de 3.500 citações todos os dias, seguida pelo também escritor Caio Fernando Abreu, com cerca de 300 citações diárias no *microblog*. O *lead* da pequena matéria, publicada no *Yahoo* (NISZ, 2012), informava:

Todo mundo adora citar frases de efeito nas redes sociais. As frases bacanas e inteligentes atraem amor (e ódio) na Internet. Conforme o título do post mostra, a campeã de citações no *Twitter* é a escritora Clarice Lispector: são 3500 citações todos os dias no *microblog*.

Ao generalizar o comportamento do internauta participante do *Twitter* ó "Todo mundo adora citar frases de efeito nas redes sociais" ó o jornalista flagra um modo de funcionamento desta rede social e da mídia digital como um todo, em que os enunciados breves predominam como forma de comunicação entre os internautas. Utilizando como exemplo o caso acima citado, propomos neste artigo uma reflexão acerca do conceito de citação e destacabilidade, proposto por Dominique Maingueneau (2008). O autor, ao analisar enunciados que se destacam nos domínios literários e filosóficos, denominados por ele de "fórmulas célebres", mostra que as mídias de modo geral fazem uso deste mecanismo em sua rotina de produção. No caso de uma mídia como o *Twitter*, porém, acreditamos ser necessário alargar a análise de Maingueneau, de modo que tais conceitos possam ser reelaborados para o contexto digital e também possam ser compreendidos no funcionamento do discurso social como um todo.

2. O TWITTER E SUAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Para a compreensão da estrutura e do funcionamento da mídia digital, é necessário levar em conta que elas se configuram como uma dispositivo comunicacional (LÉVY, 1999, p. 63).

Segundo Lévy, há três grandes tipos de dispositivos comunicacionais: um-todos, um-um, todos-todos. A imprensa, o rádio e a televisão se estruturam pelo princípio um-todos, em que um centro emissor envia mensagens a um grande número de receptores. O correio e o telefone propiciam a comunicação entre indivíduos, no modelo um-um. O ciberespaço, onde se incluem as redes sociais, segue o modelo todos-todos, em que as comunidades constituem, de forma progressiva e de maneira cooperativa, um contexto comum. Assim, no ciberespaço, os sujeitos são produtores de informação por meio de serviços colaborativos de informação, independentemente das mídias tradicionais, como jornal, rádio, TV, que convergem para a mídia digital e passam a ser parte do fluxo informacional e discursivo propiciado pela rede de computadores. O ciberespaço, portanto, na concepção de Lévy, surge pela interconexão mundial dos computadores. Este conceito abrange não somente a infraestrutura ou o suporte da comunicação digital, mas também as informações e os sujeitos que interagem no universo digital.

O *Twitter* é uma rede social em que os usuários trocam mensagens de até 140 caracteres. Na rede, estes usuários, conectados e chamados de seguidores, de forma geral informam suas atividades cotidianas, descrevem seus estados emocionais, ou mesmo difundem suas opiniões, notícias, propagandas, numa comunicação no modelo todos-todos. A facilidade de difusão dos enunciados se dá pelo recurso do "*retweet*" ou retuitar, presente no dispositivo comunicacional. A partir desse mecanismo, é possível distribuir mensagens para todos os seguidores. Para participar da rede, é necessário inscrever-se informando *e-mail* e adotando senha específica. Ao adentrar a rede, o tuiteiro poderá expressar suas opiniões sobre assuntos diversos e exibir comentários seus e de seus seguidores.

3. CITAÇÃO E DESTACABILIDADE

Orlandi (2001b) explica que os processos de produção do discurso implicam três momentos que são igualmente importantes. São eles: sua constituição, que ocorre a partir da memória do dizer; sua formulação, determinada por condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas e sua circulação, também em contextos e condições de produção passíveis

de descrição. Ao tratar do conceito de citação e destacabilidade, podemos dizer que Maingueneau (2008) o compreende basicamente no nível da circulação.

Segundo Maingueneau, enunciados curtos e facilmente memorizáveis, denominados genericamente por fórmulas, circulam na sociedade. A circulação pode ocorrer em comunidades restritas ou em setores mais amplos do espaço social. Elas funcionariam como "enunciados autônomos", que marcam posicionamentos específicos em determinadas interações entre interlocutores que não são especialistas no tipo de discurso de onde a fórmula deriva, no caso os discursos literários e filosóficos. Em geral, estes enunciados foram destacados de um texto e, segundo o autor, haveria uma predisposição à destacabilidade, ou seja, há algo nos textos que as faz ser destacadas. Como características, tais enunciados seriam "curtos, bem estruturados, de modo a impressionar, a serem facilmente memorizáveis e reutilizáveis" (MAINGUENEAU, 2008, p. 77). Além disso, ao se destacarem de seu co-texto, devem ser percebidas como inéditas e imemoriais.

Haveria, portanto, algo que as faz memoráveis, que prescreve sua permanência na história e permite que sejam retomadas por sujeitos em contextos de enunciação diferenciados. Esses enunciados ecoam na sociedade e pertenceriam a um saber compartilhado, que autoriza sua retomada. Assim, as máximas se destacariam de seu ambiente textual para levar uma vida autônoma.

Ao tratar das mídias ó e aqui notamos que não há menção às mídias digitais ó Maingueneau denomina a destacabilidade de sobreasseveração. Elas ocorrem dentro da rotina de produção da mídia e condensam significados, ocupando, espacialmente, posições relevantes no texto. Desta forma, funcionariam como uma cristalização discursiva pelas quais se fixam sentidos, e corresponderiam a uma tomada de posição frente a um assunto em que há conflito de valores. Correspondem ainda à amplificação da figura do enunciador, que se manifesta por um determinado *ethos*². Os enunciados que são destacados são assim feitos para que haja repetições posteriores e se inscrevem no funcionamento da máquina midiática. Acrescentaríamos também

² O *ethos* corresponde à imagem de si que o enunciador constrói em seu discurso para produzir efeitos no seu auditório. Segundo Maingueneau (1997, p. 45), esses efeitos são impostos pela formação discursiva ao sujeito que ocupa um lugar de enunciação.

que estes enunciados se inscrevem na memória, sendo pontos relevantes para o que deve ser lembrado.

Maingueneau ainda distingue enunciados destacáveis e enunciados destacados. Os primeiros seriam aqueles que, por meio de uma marcação apropriada, mostram-se como podendo e devendo ser destacados. Os segundos não seriam necessariamente provenientes de sequências destacáveis. Nesta categoria, há ainda enunciados destacados autonomizados e não autonomizados, que correspondem à sobreasseveração forte (enunciados dissociados do texto de origem) e sobreasseveração fraca (enunciados próximos do texto de origem). Os enunciados autonomizáveis teriam "rompido" com o texto de origem. Os enunciados não autonomizados são aqueles que mantêm um elo com um texto de origem. O conceito de sobreasseveração vincula-se ainda a uma figura de enunciador que não apenas diz, mas que mostra o que diz, ou seja, alguém que está autorizado a tomar uma determinada posição e fazer o destaque do texto.

4. A AD E A COMUNICAÇÃO

Os materiais advindos de meios de comunicação se constituíram, ao longo dos anos, como um lugar privilegiado para analistas de discurso construírem seus objetos de análise. Toda a produção simbólica encontrada nas mídias torna-se assim incontornável para a compreensão da circulação social dos sentidos e, para a apreensão do discurso social nas suas relações com a história e as ideologias. Na perspectiva da Análise de Discurso (AD), todos os sistemas de codificação, sejam eles verbais, sonoros ou visuais, têm uma história de sua constituição e de uso no funcionamento social que não podem ser desprezados. No cenário atual em que as mídias digitais se configuram como síntese de códigos, é necessário retomar conceitos fundadores da AD na sua relação com o contexto contemporâneo dos meios de comunicação, de modo a evitar que eles se tornem "ferramentas" e percam suas relações necessárias com a teoria e os procedimentos teórico-metodológicos da AD. Evita-se assim uma ênfase no suporte de mídia em detrimento da teoria, que apresenta riqueza de conceitos e produtividade analítica.

Consideramos que a Análise de Discurso e as teorias da comunicação mantêm ainda relações difusas e tensas, carecendo reflexão teórica para que as questões de linguagem enfrentadas no campo da comunicação tenham na AD não apenas um instrumento para a análise meramente linguística. Esta visão instrumental apaga a necessidade de integração entre o simbólico, o histórico e o político, deslocando a AD apenas para questões de linguagem não contempladas diretamente pelas teorias da comunicação.

Da mesma forma, a compreensão do discurso das teorias da comunicação é fundamental para os analistas pensarem possibilidades de diálogo ou de debate teórico. Nesse sentido, acreditamos que estes aspectos precisam ser trabalhados na perspectiva de como o discurso ou como a Análise de Discurso pode afetar outras disciplinas (ORLANDI, 2012, p. 38), tarefa que deve merecer atenção dos pesquisadores.

Primeiramente, quando estamos nos situando no campo da Análise de Discurso, como paradigma teórico-metodológico, não podemos perder de vista o fato de que os sentidos se constituem na ordem da língua e na história. No quadro teórico da AD, não há um único sentido que se se defina *a priori*, imanente às palavras. Os sentidos determinam-se historicamente numa perspectiva materialista, em que a materialidade do discurso é histórico-linguística. Língua e história se entrelaçam nesta constituição, sendo que o discurso se produz nesta confluência. Para a constituição do sentido, portanto, levam-se em conta as relações entre linguagem, história, sociedade e sujeito. A linguagem não é transparente e a AD se define como teoria da determinação histórica dos processos semânticos (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 164). Sujeito e sentido constituem-se simultaneamente num mesmo processo (ORLANDI, 2001a, p. 10). Na materialidade linguística, base dos processos discursivos, observa-se assim a articulação entre sociedade, sujeito, língua e história. Estes processos não têm origem no sujeito, apesar de se realizarem nele. A produção de sentidos vincula-se, deste modo, às possibilidades enunciativas em períodos históricos, em relação ao que é dito, a sentidos anteriores, a não ditos, ou seja, às condições de produção. Há ainda uma variação do sentido que deve ser captada no movimento da história e da linguagem. Esta variação só é possível porque há rupturas nos sentidos dominantes, falhas que abrem a possibilidade de polissemia, deslocando sentidos. Tomando como base a AD, portanto, admitimos que a relação da linguagem não é dada, natural ou evidente. O sujeito da linguagem está submetido a injunções simbólicas e políticas, que são esquecidas na produção

desta linguagem. Numa análise, pretende-se compreender como objetos simbólicos, por definição não transparentes, produzem sentidos, e os gestos de interpretação realizados pelos sujeitos. (ORLANDI, 2002, p. 27).

Cabe então sempre perguntar como os sentidos se tornam dominantes em detrimento de outros. Devemos assim considerar que há disputa pelos sentidos. Por essa razão, os sentidos que se impõem na sociedade são os que superam os mecanismos de controle e interdição. Na constituição da memória social, portanto, o processo histórico-discursivo resultante de uma disputa de interpretações dos acontecimentos presentes e passados levou à predominância de uma interpretação em detrimento de outras. Naturalizam-se, assim, esses sentidos, que passam a ser comuns e hegemônicos. Isso não significa, porém, que os sentidos esquecidos deixem de atuar, seja como oposição, seja como resíduo no interior do discurso predominante. Como explica Gregolin (2003, p. 12), é necessário "se submeter à ordem do discurso, articulando aquilo que se pode e deve dizer no momento histórico da produção de sentidos".

Orlandi (2012) afirma que a ênfase no aspecto tecnológico das mídias digitais não exclui a necessidade de não reduzir a questão de sua análise em relação à memória, ideologia, história, subjetividade, individuação e materialidade, como em qualquer forma de linguagem. Assim, os conceitos de base da AD não devem ser meramente transpostos para a interpretação dessas mídias, mas eles se constituem como procedimentos para que os pesquisadores se questionem sobre estrutura e funcionamento das novas tecnologias. Essas tecnologias afetam a relação do sujeito com a linguagem, havendo, segundo Orlandi, um deslocamento na função do leitor, o que reorganiza o trabalho intelectual.

5. OS ENUNCIADOS DESTACADOS NO *TWITTER*

Tendo em vista o panorama acima descrito, não podemos perder de vista o fato de que, ao destacar enunciados dos textos de Clarice Lispector, os usuários do *Twitter* o fazem primeiramente porque na memória discursiva presente nestas comunidades, Clarice se configura como uma autora de prestígio na literatura brasileira do século 20. Seus textos já integram a

formação literária escolar e suas obras são continuamente editadas, o que demonstra que seus textos atravessam os circuitos de produção simbólicos na sociedade brasileira.

Foucault (1992) mostra que a noção de autor tem como resultado a delimitação do modo de ser de um texto, referindo-se ao estatuto de determinados discursos no interior da sociedade. A associação de um discurso a um indivíduo não ocorre de modo espontâneo, como se pode crer a partir de uma apreensão ingênua do conceito de autoria, mas, sim, conforme Foucault, decorre de uma operação complexa de atribuição que constrói um ser racional como lugar originário para a escrita. Por isso, ele considera que o autor é apenas uma projeção do tratamento a que submetemos os textos, as aproximações que operamos, os traços que estabelecemos como pertinentes, as continuidades que admitimos ou as exclusões que efetuamos (FOUCAULT, 1992, p. 50). Assim, para Foucault, o autor é uma função que se liga ao sistema jurídico e institucional que determina o universo dos discursos. Nesse sentido, ele pode dar lugar a vários eus simultaneamente e a várias posições-sujeito, não se remetendo a um indivíduo real.

Orlandi (1998, pp. 69-70), por sua vez, explica que o autor se insere num espaço de interpretação que deriva de sua relação com a memória, formando um sítio de significação. O autor representa-se na origem de seu texto e filia-se a sentidos constituídos historicamente e em redes que determinam a possibilidade de interpretação, que também é dada pelo deslocamento que produz nestas redes. Nesse sentido, o autor se constitui como tal porque consegue formular a partir de uma história de formulações e produz um lugar de interpretação.

Ao destacar os enunciados da obra de Clarice Lispector, os sujeitos se configuram como sobreassevedores tomando uma posição frente a assuntos tratados pela autora. No contexto da AD, os processos de tomada de posição teorizados por Pêcheux (2002) permitem a demarcação das posições nas redes de memória e a compreensão de que não há cortes ou rupturas abruptas, mas, sim, deslocamentos que possibilitam a emergência de formações discursivas diferentes, a partir de um processo de apropriação do conhecimento. Deste modo, há um trânsito entre os domínios de saber nos quais os sujeitos, ao assumirem determinadas posições, realizam deslocamentos, reconfigurando conceitos e resignificando-os no movimento entre as formações discursivas, sujeitas a transformações históricas que as afetam e determinam os sentidos. Estes saberes, portanto, sofrem ação da história e também das relações de poder e interesses de classe,

manifestos nas tomadas de posição. Deslocados, por um trabalho de formulação de um sujeito que se inscreve como autor e interpelado ideologicamente, os sentidos passam a funcionar diferentemente conforme as formações discursivas. Neste ponto, é necessário lembrar que as formações discursivas sofrem, pelos movimentos dos sujeitos, reconfigurações contínuas. Assim, explica Pêcheux (2002), este processo:

todo discurso é o índice potencial e uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho de deslocamento no seu espaço: não há identificação plenamente bem-sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma ãinfelicidadeõ, no sentido performativo do termo, isto é, no caso, por um ãerro de pessoaõ, isto é, sobre o outro, objeto de identificação. (PÊCHEUX 2002, pp. 56-57)

Observemos como isso funciona nos recortes abaixo:

õAté onde posso vou deixando o melhor de mim. Se alguém não viu, foi porque não me sentiu com o coração.õ (**Clarice Lispector**). Cristina Dias

õNão tenho tempo pra mais nada, ser feliz me consome muito." (**Clarice Lispector**). + 1 *show* maravilhoso! ó Cláudia Leite

Os enunciados acima extraídos da rede social Twitter a partir de uma busca feita com as palavras-chave Clarice Lispector nos traz frases supostamente destacadas da obra da autora brasileira. O gesto de buscar na rede os enunciados, como procedemos, nos traz uma questão sobre o efeito de leitura assim produzido. O mecanismo da busca nos impõe uma ordem de leitura, prevista pela mídia digital. Isso significa que a interação para buscar uma informação ou pesquisar é uma intervenção na rede de sentidos anteriormente dada, sendo que se estabelece a partir da busca do sujeito uma ordem nova. Neste gesto, portanto, tem-se a formação de um outro contexto que afeta a leitura. O sujeito na posição de quem busca algo na rede social ou mesmo na *internet* tem uma leitura determinada pela ocorrência das palavras-chave. No entanto, a organização proposta pelos mecanismos de busca promovem dois efeitos: a descontextualização do material, no caso os enunciados buscados com as palavras Clarice Lispector, e a formação de um outro contexto, determinado pelas palavras-chave, e pelo tempo de aparecimento dos enunciados na rede, isto é, os "*posts*" mais recentes encabeçam o novo texto que se forma. Este

direcionamento da leitura e a formação de outro contexto que, porém, guarda a memória do contexto anterior, devem ser considerados na análise. Outro ponto que nos parece relevante é o fato de que o sujeito, no caso o analista, se torna, assim, alguém que promove o destacamento do enunciado de um outro texto. Temos, portanto, uma operação feita pelo sujeito que destacou os enunciados da obra de Clarice ou simplesmente o replicou, e um recorte feito pelo analista que destaca os enunciados da rede no momento de sua busca para torná-los material de análise, instaurando, assim, outra ordem de leitura e, conseqüentemente, de interpretação.

Sabemos que na AD a formação do *corpus* é um primeiro gesto desta análise que se desenha neste ir-e-vir, pois a inclusão de materiais no *corpus* já é uma decisão sobre propriedades discursivas. O objetivo é mostrar como um discurso funciona e produz efeitos de sentido. O que se pretende, portanto, no percurso analítico é uma reflexão sobre o funcionamento de um discurso, não a verificação de uma hipótese ou a demonstração da aplicação de uma teoria. Temos de ter em vista que o objeto permanece aberto para novas análises e abordagens, já que sua descrição não se esgota, porque todo discurso pode ser incluído num processo discursivo mais amplo. A forma do recorte feito pelo analista determina o modo de análise e o dispositivo teórico da interpretação construída. Por essa razão, o dispositivo analítico pode ser diferente nas diferentes observações realizadas. Deve-se compreender que o *corpus* não corresponde apenas à coleta feita pelo analista. Ele é um material selecionado e preparado para a análise na sua relação com as condições de produção e sua inserção na rede de discursividade sócio-histórica. O *corpus* é também uma construção do próprio analista, que seleciona o material de acordo com os objetivos de sua análise, de sua pergunta discursiva, que organiza a relação que se estabelece entre sujeito e objeto de análise. Outro aspecto que nos parece relevante é o fato de que a rede é dinâmica, atualizada continuamente, e a intervenção do analista para a formação do seu objeto significa uma suspensão no movimento dos sentidos, cristalizando-o no momento da seleção.

Nos exemplos acima expostos, é necessário, portanto, compreender que a formação do novo contexto, do ponto de vista discursivo, remete ao contexto anterior e que este novo contexto só se forma pela intervenção do analista. No primeiro recorte, temos a associação do enunciado "Até onde posso vou deixando o melhor de mim. Se alguém não viu, foi porque não me senti com o coração" a Clarice Lispector. O sujeito que se identifica como sobreasseverador no *Twitter* é Cristina Santos. Não se tem aqui um relação desta frase intermediada pelo texto, isto é, não se

sabe de que texto de Clarice Lispector veio este enunciado. A associação é direta entre a autora e a frase, que ganha relativa autonomia da obra, mas não de seu autor, que lhe confere o *status* de algo relevante e memorável. De acordo com Maingueneau (2008, p. 76), as fórmulas autônomas podem ser utilizadas "para marcar um determinado posicionamento estético, determinada concepção historicamente datada, das relações entre o sentido, a linguagem e a subjetividade". Ao levarmos em conta o contexto anterior, assim como relações entre sentido, linguagem e subjetividade, notamos que a análise só pode ser realizada retomando o contexto imediato anterior. A partir do *link* disponível no nome de Cristina Santos, podemos ter acesso à sua página pessoal e ter informações sobre seu perfil biográfico: "Advogada pública, aprendiz da vida, geminiana e buscando incessantemente a felicidade! Canoas, RS." Notemos que o autor assume sua posição na sociedade pela profissão ("advogada pública"), por uma filiação às determinações da astrologia ("geminiana") e por uma atitude perante a vida ("aprendiz da vida", "geminiana" e "buscando incessantemente a felicidade"). Informa ainda sua localização geográfica em Canoas, no Rio Grande do Sul. Em sua página, portanto, ela se torna autora, que pode ser identificada, seguida. Além disso, pode destacar ou replicar enunciados da obra de outro autor. Assim, o enunciado destacado e destacável da obra de Clarice integra a formação de sentidos na página de Cristina Santos, da qual ela é autora, ou seja, o enunciado "Até onde posso vou deixando o melhor de mim. Se alguém não viu, foi porque não me sentiu com o coração", passa a funcionar juntamente com os demais enunciados disponíveis na página de Cristina. No contexto mais amplo, pode-se pensar na repetição dos enunciados destacados da obra de Clarice Lispector, como parte de uma rede de sentidos que aponta para a um discurso social de expressão das subjetividades.

Observemos outro "post" da cantora Cláudia Leite, que também cita Clarice Lispector, "Não tenho tempo pra mais nada, ser feliz me consome muito." (**Clarice Lispector**) + 1 *show* maravilhoso! Notemos também que este enunciado funciona não apenas rememorando a frase de Clarice, como uma máxima, há o acréscimo do enunciado + um *show* maravilhoso, ou seja, a referência ao *show* modifica o sentido da máxima de Clarice. O enunciado, destacado de Clarice, está disposto na página pessoal da cantora denominada, *Brazilian Singer*. Sua página e apresentação ainda inclui endereço de página pessoal (www.claudialeitte.com.br), juntamente com a localização em Salvador, BA. Como explica Orlandi (1998, p. 16), qualquer modificação

na materialidade do texto equivale a gestos de interpretação diferentes, a distintas relações com a exterioridade e com a memória.

Neste aspecto, percebemos que as frases destacadas estão dispersas nas diversas páginas ou comentários que a rede *Twitter* propicia. Isso significa que se formam na rede textos não dotados de linearidade, mas de uma organização difusa em que há dispersão dos enunciados. No entanto, estes textos produzem efeitos de sentido e mostram "como organiza-se a discursividade, isto é, como o sujeito está posto, como ele está significando sua posição, como a partir de suas condições (circunstâncias da enunciação e memória) ele está praticando a relação com o mundo com o simbólico, materializando sentidos, textualizando, formulando (...)" (ORLANDI, 2001, p. 67).

E as frases de Clarice Lispector passam, portanto, a funcionar em outra discursividade, havendo apenas uma autonomia em relação ao seu texto original. Pela citação e a cada retomada, os enunciados se inserem numa discursividade diferente, só possível de ser identificada a partir da análise. Formam-se assim novos sentidos relacionados ao modo como o sujeito agencia sua relação seja com os enunciados de Clarice, seja com sua obra ou com a relação de autoridade que a citação traz. Deste modo, podemos considerar que as redes sociais, como o *Twitter*, povoam o imaginário social, estabelecendo comunidades de sentido, nas quais as referências simbólicas são legitimadas e funcionam como padrões para a comunicação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso percurso teórico-analítico nos leva para o momento a considerar a necessidade de estabelecer parâmetros de análise para a mídia digital atualizando para este contexto o aporte teórico da AD. Como explica Orlandi (2012), "estamos em um processo discursivo que demanda reflexão: a materialidade nos coloca em meio a unidades de análise que são diferentes formas materiais existindo ao mesmo tempo. Novas tecnologias de linguagem. Complexidade sígnica. Simultaneidade sêmica."

No que se refere ao conceito de citação e destacabilidade, observamos que ele não pode ser tomado isoladamente do contexto de produção dos enunciados. Além disso, a autonomia das máximas só pode ser referida em relação ao seu "contexto original", já que, ao ser inserida em um determinado texto, ela passa a funcionar no universo de significação proposto com o texto. Além

disso, deve-se considerar a circulação desses enunciados em mídia digital, em que os textos são facilmente manipulados e integram a discursividade da rede como um todo. Assim, a mera constatação da destacabilidade de um enunciado é insuficiente e nos leva a perguntar no porquê de eles se destacarem. A hipótese de que eles são destacados porque há características no seu arranjo textual ou mesmo por conta da intervenção dos sujeitos deve ser relativizada. Tais enunciados devem ser analisados na sua relação com o interdiscurso, com a memória dos dizeres ou mesmo com as complexas relações que fazem de um sujeito um autor, tornando-o, como no caso de Clarice Lispector, referência para estas citações. A força da autoria, cujo sentido está disponível historicamente, facilita a apropriação simbólica que fazem os sujeitos desses enunciados. Também se considera que ao se tornarem destacáveis, por determinações presentes no interdiscurso, estes enunciados se tornam repetíveis e memoráveis. E esta estabilização é, acima de tudo, um movimento no discurso, que pode ser depreendido pelo movimento do sujeito.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* s/l: Vega, 1992.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. A mídia e a espetacularização da cultura. In: GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise (org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Editora Claraluz, 2003, pp. 9-17.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3ª. ed. Campinas: Unicamp/Pontes, 1997.

_____. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.

NISZ, Charles. O autor mais citado no Twitter? Clarice Lispector. *Yahoo Notícias*. Disponível em: <<http://br.noticias.yahoo.com/blogs/vi-na-internet/o-autor-mais-citado-no-twitter-clarice-lispector-011545761.html>> Acesso em 4 jun. 2012.

ORLANDI, Eni. *A interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2ª. ed. Petrópolis, Vozes, 1998.

_____. *Discurso & leitura*. 6 ed. São Paulo: Cortez Editora e Campinas: Unicamp, 2001a.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001b.

_____ *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

_____ *Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel.; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise. e HAK, Tony (orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1997, pp. 163-252.

PÊCHEUX, Michel. . *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.

Recebido em 30 de novembro de 2012.

Aprovado em 20 de janeiro de 2013.